

## RESENHA

SANDEL, Michael J. **A Tirania do Mérito: O que aconteceu com o bem comum?** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020, 350 p.

Cídio Lopes de Almeida\*

O autor Michael J. Sandel desenvolve o livro em torno do tema da meritocracia e seus desdobramentos na estruturação de uma dada forma de sociedade. A forma para dar a conhecer o seu pensamento sobre as nuances e enraizamentos do tema na vida social de nossos dias terá lugar em sete capítulos, com uma introdução bem ilustrativa da questão e uma conclusão na qual ele articula um pensamento de todos diferentes momentos em que denota maneiras de atuação do tema da meritocracia.

Logo na introdução um caso exemplar é utilizado para abrir-se ao tema, trata-se de um “consultor educacional chamado William Singer” (p. 15) que prestou o serviço de trapaça para algumas famílias interessadas em colocarem seus filhos em universidades de elite. No desenvolvimento do seu pensamento, por algum momento parece injusto burlar o sistema ou as regras para se ter acesso à Universidade naquele país. Independente dos detalhes e nomes, o que em dado momento o autor nos leva a pensar é se o próprio sistema que estabelece as regras, o mérito em si, não é problemático. Afinal, para doadores com capacidade financeira acima dos que pagaram um trapaceador, parece ser normal que após doar um valor avantajado para a Instituição de Ensino, o seu filho estude nela. E em última instância, toda a ideia de mérito parece ser um problema.

O tema da meritocracia nos mostra dentro de uma normalidade, e o efeito literário da abertura parece se cumprir quando nos provoca a pensar a totalidade de uma sociedade meritocrática. Ao percorrer os olhos pela estrutura dos capítulos, os títulos com seus temas nos permitem vislumbrar a uma nova chave de análise das dinâmicas sociais de nossos dias, sobretudo na ascensão dos nacionalismos populistas.

A começar por *Ganhadores e perdedores*, no primeiro capítulo, que parte da ideia do ato corriqueiro em que escolhemos a pessoa que seja a melhor no seu domínio. Porém, o que temos para os não escolhidos, os perdedores. De um ponto de vista de uma narrativa existencial, para os perdedores onde haveria uma acolhida para eles(nós). E esta massa de perdedores, com seu desejo fustigado, se chafurda no seu ressentimento. Um pensamento capaz de falar destes não estaria só em termos econômicos. “Esse pensamento deveria começar com o reconhecimento de que tais queixas não são apenas econômicas, mas também morais e culturais, não são apenas sobre salários e empregos, mas também, estima social. (30) O tema da ascensão social pelo mérito e a demanda de ser pensar a realidade social partir dele está enraizado na cultura, “Thomas Jefferson apoiava uma “aristocracia natural”, baseada em “virtudes e talentos”, em vez de uma aristocracia artificial, fundamentada na riqueza e nascimento” (14).

---

\* Doutorando em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória. Membro do Grupo de Pesquisa Cátedra de Teologia Pública (FUV). E-mail: cidioalmeida@gmail.com. Bolsista FAPES.

O tema do segundo capítulo, *Grandioso porque é bom: uma breve história moral do mérito*, articula as implicações da meritocracia com a teologia. Onde temos a ideia de que não só se merece as coisas boas, mas somos igualmente responsáveis pela má sorte. O uso da figura bíblica de Jó exprime bem a ideia, os agouros porque passava a personagem era porque o mesmo fez por merecer, mesmo que ele não soubesse. “Reflete a crença de que o universo moral está organizado de uma forma que relaciona prosperidade e mérito, sofrimento e comportamento impróprio.” (53)

O terceiro capítulo aprofunda esta ideia religiosa ao associar *A retórica da ascensão*, ideia na boca de muitos líderes políticos, com o puritanismo e de resto a uma ideia de prosperidade como marca distintiva de ser escolhido por Deus. “Atualmente, enxergamos o sucesso como os puritanos enxergavam a salvação — não como uma questão de sorte ou graça, mas algo que conquistamos por meio de nosso próprio esforço e luta”. (p. 89) De certo acentua aspectos em que o indivíduo é responsável, está a seu alcance planejar a sua vida e fazer os projetos se realizarem. A ideia é atualizada socialmente nos Estados Unidos na fala do ex-presidente Bill Clinton “todos os estadunidenses não têm apenas o direito, mas a solene responsabilidade de ascender até onde os talentos concedidos por Deus e a determinação o levar”(89).

O processo meritocrático demanda uma ostentação de credenciais, sua mostra social sempre atualizada está em exhibir que esteve neste ou naquele lugar de prestígio, pelo que a prática distintiva é aceita e cultivada. Políticos são inquiridos neste sentido, alguns até mesmo forjam uma vida heroica enquanto estudante de uma prestigiada Universidade, justamente para ter a glória do merecer, do ser prodigioso. Este é o tema do quarto capítulo *Credencialismo: o último preconceito aceitável*, pelo que devemos nos perguntar o que fazer com esta prática social em que se demarca dos outros cidadãos, justamente por ostentar certas insígnias que evidencia o seu lugar, distinto dos perdedores. Duas cenas foram utilizadas para ilustrar este jogo, primeiro com Trump exigindo que Obama mostrasse sua vida de estudante universitário. Para depois, ele próprio, enquanto presidente, performando ser um estudante muito esperto, o que não condiz com o seu nível retórico, que para Sandel está para um estudante correlato a nossa antiga 4ª série, atual 5ano da Educação Fundamental I. A Universidade no caso em análise acaba por ocupar este lugar, por vezes incomodo, de uma instituição que formaliza socialmente o ganho meritocrático capaz de lhe inscrever como vitorioso ou perdedor.

Se o tema da meritocracia está razoavelmente estabelecido nas nossas esferas de valores. No capítulo quinto, *Ética do sucesso* o autor propõe dois modelos sociais. Uma “(..)aristocracia na qual renda e riqueza são determinadas pelo acaso do nascimento e passadas adiante de uma geração para a próxima.” (171) É uma “segunda sociedade seja uma meritocracia. Suas desigualdades em renda e riqueza não são resultantes de privilégio hereditário, mas do resultado do que as pessoas conquistaram por meio de esforço e talento.” (171) A partir da ideia que é o segundo modelo que está em voga na nossa cultura contemporânea, ele procura pensar como superar as injustiças que a meritocracia pode gerar. Pois se ao menos as pessoas “competissem em um campo verdadeiramente nivelado, os vencedores seriam aqueles dotados dos melhores talentos.”(188). Em torno do liberalismo, traz para as discussões o pensamento liberal de Friedriche A. Hayek e Jon Raws, sendo o primeiro mais radical com a ideia de liberdade econômica e o segundo, procurando estabelecer contrapesos e estruturando ideias de justiça para equilibrar os possíveis desajustes que um certo privilégio econômico possa distorcer um jogo

justo. “Grande parte do apelo da fé meritocrática consiste na ideia de que nosso sucesso é resultado de nossas próprias ações, pelo menos sob as condições certas. Na medida em que a economia é um campo de competição justa(...).” (182) Não deixa de salientar que o jogo econômico não é suficiente para exprimir o valor desta disputa, há uma busca por estima social. Esfera de valor que de certo infla os discursos populistas que capitaneiam justamente este excedente represado entre os que estão ressentidos em não alcançarem os louros da corrida. Esta massa de descontente, que não se sentem reconhecidas, poderia, numa ideia de projeção distópicas, formarem uma horda de revoltados. Algo que pode ser notado já nos eleitores que sustentam as extremas direitas populistas.

Ensejando pensar como poderíamos resolver os problemas conexos ao cultuo meritocrático, o sexto capítulo, *A máquina de triagem*, procura pensar os processos de evitar os desequilíbrios sociais gerados. O exemplo com o qual o autor abre o livro, em que famílias subornaram para entrar em Universidade de elite, é uma amostra de que certas práticas para escolher alunos talentosos em termos intelectuais, e não por questões de poder financeiro, é uma mostra de que a vida de processos de triagem não é o suficiente. Para o autor, citando a sua própria experiência, apenas criou um mercado especializado de cursos extras, professores privados. “A obsessão por triagem e delimitação de habilidades acadêmicas se infiltrou no ensino médio público e no ensino médio que eu fiz em Pacific Palisades, na Califórnia, no fim dos anos 1960.” (267). O esforço que ele traz para o debate é em pensar como gerar condições mais igualitária para haver uma partida na expressão da individualidade de cada pessoa, resguardando o ideal da liberdade nos resultados, que será diferente para cada pessoa e fruto da sua liberdade individual. Procurando resguardar uma certa diferença dos resultados, pois será nesta diferença o lugar onde se mostrará o resultado de conquistas e êxitos daqueles que mereceram. Ainda que para os vencedores, os “que chegam ao topo induz à ansiedade, a um debilitante perfeccionismo e à arrogância meritocrática que se esforça para esconder uma autoestima frágil.” (255) E por outro lado, “nas pessoas que deixa para trás, ela impõe um desmoralizante, até mesmo humilhante, senso de fracasso”. (255)

Por fim, no sétimo capítulo, *O reconhecimento do trabalho*, esboça uma possibilidade de um lugar para os perdedores, mas não só. “A era da meritocracia infligiu também uma ferida mais insidiosa em trabalhadores: a deterioração da dignidade do trabalho”. (284) Perspectiva mesmo uma proposta de uma nova dinâmica social, perpassadas por um trabalho amplamente valorizado. A ideia de um trabalho voltado para a coletividade, incluiria a todos, sem uma visão monádica dos indivíduos de sucesso, mas uma ética do bem comum enfeixaria uma nova forma de se vê como indivíduo que ao exprimir-se no uso da sua liberdade individual, encetaria ações em função de um bem comum. O trabalho como um todo perdeu seu valor, e esta lógica do mérito associado às dinâmicas da globalização da economia não foram capazes de dotar de sentido os trabalhos em geral. O autor perspectiva para além das demais ideias de evitar desvios no jogo social da meritocracia, uma forma de dotar todo tipo de trabalho como algo de sentido, pois como aludiu em outras partes, a questão não era só de ganhos econômico, mas também de estima social. O trabalho com fonte de sentido recolocaria a dignidade de todos, não só daqueles que não chegam nos lugares de maior prestígio. Como o atual modelo também fez perecer os lugares de destaque, esta nova chave de compreensão do trabalho seria capaz de reabilitar este lugar também.

Em *O mérito do bem comum*, já na conclusão, o autor sinaliza mais uma vez que a “igualdade de oportunidade é uma correção moralmente necessária da injustiça.” (327) Contudo, não é ainda um “ideal adequado para uma boa sociedade.” (327) Precisa-se avançar para a ideia de bem comum, como lugar de inspiração social. Que só “pode ser alcançado apenas por meio da deliberação com nossos concidadãos sobre os propósitos e os fins dignos de nossa comunidade(...).” (325)

A leitura do livro *A Tirania do Mérito: O que aconteceu com o bem comum?* mostra-se muito oportuna para nossos dias. Como leitor e pesquisador o desafio de pensar o presente é procurar compreender o que no ideário humano está em causa, está a atuar nas vidas das pessoas. O tema da meritocracia, especialmente nos aspectos do seu efeito colateral que é o de gerar uma sensação geral de fracasso, parece-nos uma potente chave de leitura deste real humano de nossos dias. Sobretudo com estratégia para pensarmos sobre quais fatores movem o crescente discurso político de extrema direita e seus respectivos ataques às conquistas da sociedade democrática.

Uma resenha não se dá fora do tempo e do espaço, o olhar do leitor de certo procura algo. O nosso contexto de leitura e recepção das ideias de Sandel no livro em tela situa-se em relacionar o tema da meritocracia e da religião. Neste sentido o segundo e o terceiro capítulos tratam de modo mais direto desta relação e que nos pareceu muito oportuno ter apresentado a meritocracia na esfera dos valores que orientam o agir em nossa sociedade. Ademais, se considerarmos esta chave do valor e de como tem um importante lugar na esfera da política, do direito, que formaliza as interações, há uma proximidade entre o religioso e o meritocrático em todas as latitudes do tema. Os discursos teológicos, como abordado no segundo capítulo, e o puritanismo, no terceiro capítulo, nos abre um importante perspectiva de pesquisa entre meritocracia e religião, sobretudo para compreender o atual cenário no Brasil em que a religião se coloca na pauta dos discursos políticos.

Em conclusão, remete-se vivamente a leitura do *A Tirania do Mérito: O que aconteceu com o bem comum?* escrita por Sandel. A partir da sua leitura o tema e a própria percepção do lugar da meritocracia no nosso horizonte de valores, arraigado na vida democrática, se coloca como um ponto muito estratégico de compreensão dos processos democráticos e a própria ideia de democracia enquanto um valor.